

APRENDER

INOVAR



DIVULGAR

COLABORAR

INOVAR

APRENDER



DIVULGAR

COLABORAR



CONSELHO
NACIONAL DE
EDUCAÇÃO

2025

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender-2025

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes
Ana Sérgio

Organização

Ana Sérgio
Aldina Lobo

Revisão de texto

Assessoria Técnica e Científica

Apoio à coordenação

Cristina Brandão

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros
Sofia Vicente

Expedição

Ana Estribio

Autores

Vários

Os textos publicados e as respetivas imagens são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição do Conselho Nacional de Educação.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

Março de 2026

ISSN

2975-9951

ISSN Digital

2976-0569

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

Agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Ana Antunes, Jorge Teixeira, Anabela Soares, Paulo Macedo e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, ex-alunos, pessoal não docente e encarregados de educação;

ao Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, Mem Martins, e ao Agrupamento de Escolas de Santa Comba Dão, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação e coordenadores das estruturas de gestão intermédia;

ao designado “Júri de avaliação de propostas de textos para a publicação periódica DICA 2025 [segunda parte, Vivências]”, composto por Amélia Lopes, Joana Batalha, Paula Queirós e Ana Sérgio;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional das Artes [PNA] da Rede de Bibliotecas escolares [RBE], da Associação Portuguesa de Educação em Ciências [APEduC], da Associação Portuguesa de Educação Musical [APEM], da Associação Portuguesa Cantar Mais [ACM], da Associação Nacional de professores de Educação Visual e tecnológica [APEVT] e ao Núcleo Interativo de Astronomia e Inovação em Educação [NUCLIO].

A todos agradecemos o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o Conselho Nacional de Educação, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à terceira publicação do projeto DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender-2025.

VIVÊNCIAS DICA

Crescer e aprender feliz: práticas transformadoras no Agrupamento de Escolas da Boa Água
Fátima Nave, João Reigado e Nuno Mantas [PNA]

aLer mais e melhor: a leitura como desígnio coletivo
Maria João Filipe e Paula Ribeiro [RBE]

Predação Jurássica: uma proposta de trabalho interdisciplinar sobre dinossauros para o 2.º ciclo
Bento Cavadas, Nelson Mestrinho e Conceição Durão [APEduC]

CANTAR os AÇORES pela voz das crianças
Carlos Costa e Luísa Matos [APEM]

Da sala de aula para o palco: aprendizagem colaborativa em bandas *Pop* em contexto escolar
Pedro Zagalo e Lina Trindade [APEM]

Projeto ORKESTRA: um espaço onde a ARTE acontece!
Sónia Paula Santos e Ana Paula Sousa [APEVT]

A importância da ciência cidadã na educação formal. Será a ciência cidadã a chave de uma educação para o propósito?
Priscila Doran, Joana Magalhães, Jéssica Abrantes e Rosa Doran [NUCLIO]

Síntese Vivências DICA
'Todos/as podem aprender': uma escola com vista para o futuro
Maria Alfredo Moreira

DA SALA DE AULA PARA O PALCO: APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM *BANDAS POP* EM CONTEXTO ESCOLAR

PEDRO ZAGALO

LINA TRINDADE

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO
MUSICAL (APEM)

O projeto *Bandas Pop em sala de aula* foi implementado no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo, no ano letivo de 2021-2022, com o objetivo de promover práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas a partir da exploração de um repertório da música Pop. Uma das vertentes mais significativas do projeto é o *Inclusivamente*, um subprojeto dedicado aos alunos que são acompanhados pela equipa de Educação Especial. Os resultados da sua implementação evidenciam benefícios para os alunos ao nível do desenvolvimento afetivo e emocional, bem como do fortalecimento das suas relações com a comunidade escolar contribuindo para reforçar a sua vivência estética, expressiva e cultural como estratégia eficaz de integração e inclusão de saberes e pessoas.

Palavras-chave

Banda Pop; Práticas artístico-musicais; Aprendizagem colaborativa; Diferenciação pedagógica; Inclusão, Aprendizagem formal e informal.

*The Pop Bands in the Classroom project was implemented at the Montemor-o-Novo School Group in the 2021-2022 school year with the aim of promoting innovative and inclusive pedagogical practices through the exploration of a repertoire of Pop music. One of the most significant aspects of the project is *Inclusivamente*, a sub-project dedicated to students who are supported by the Special Education team. The results of its implementation show benefits for students in terms of affective and emotional development, as well as strengthening their relationships with the school community, contributing to reinforcing their aesthetic, expressive and cultural experience as an effective strategy for the integration and inclusion of knowledge and people.*

Keywords

Pop Band; Artistic-musical practices; Collaborative learning; Pedagogical differentiation; Inclusion; Formal and informal learning..

Introdução

A oportunidade de imitar a música de que se gosta, tocar de ouvido, trabalhar como músico e como compositor com amigos que pensam da mesma maneira e ainda por cima ser divertido, deve certamente ser um objetivo prioritário para que um maior número de alunos beneficie de uma educação musical liberal, que torne a música na escola não apenas acessível, mas apetecível e recompensadora.¹ (Lucy Green, 2002)

Os projetos de bandas escolares oferecem um ambiente singular de aprendizagem colaborativa: as crianças e os jovens aprendem uns com os outros, partilham responsabilidades e desenvolvem competências sociais e musicais em conjunto. Este potencial de aprendizagem colaborativa alicerça-se na interação entre pares como catalisador da partilha de conhecimentos e objetivos e da resolução conjunta de problemas (Gaunt & Westerlund, 2013). Como lembra Vygotsky, “o que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã.” (1978, p. 87)

Para além disso, a experiência de trabalhar em equipa, implícita nas práticas musicais de conjunto que caracterizam o contexto das bandas *Pop*, contribui para o desenvolvimento social e emocional das crianças e jovens, ao reforçar a autoestima, o sentido de pertença e a identidade musical (Kokotsaki & Hallam, 2007). Hallam (2010, p. 272) sublinha que “a música pode desempenhar um papel vital na construção da identidade, especialmente na adolescência”. As interações sociais que servem de veículo para a construção do conhecimento musical, juntamente com a informalidade dos processos envolvidos na prática musical do género *Pop*, funcionam como fatores de motivação e de envolvimento dos alunos (Green, 2002; 2006; 2017). Green (2002, p. 21) observa que “os jovens aprendem música de forma espontânea, recorrendo à escuta e à imitação, em contextos informais.”

Neste quadro, a inclusão de práticas informais em contextos educativos formais, advogada por Lucy Green, figura incontornável no campo da *informal music learning*, encontra nos projetos de banda *Pop* um exemplo paradigmático. Tais

contextos mobilizam formas de aprendizagem que os educadores musicais deveriam integrar nos contextos formais de ensino, mesmo quando não trabalham diretamente com um repertório *Pop* (Westerlund, 2006).

O desenvolvimento do projeto veio confirmar o potencial das práticas artísticas informais e do trabalho colaborativo como motor de motivação e inclusão

O projeto *Bandas Pop em sala de aula* implementado no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo explora as práticas artísticas informais da música *Pop*. As propostas de aprendizagem são organizadas a partir de atividades de prática musical de conjunto, recorrendo a estratégias de trabalho colaborativo e de diferenciação pedagógica que garantem a participação de todos os alunos. O desenvolvimento do projeto veio confirmar o potencial das práticas artísticas informais e do trabalho colaborativo como motor de motivação e inclusão, ao mesmo tempo que reforça o papel da música como motor para a renovação de práticas e de transformação do espaço social da escola.

¹ Tradução livre do autor

A origem da *Pop* – contextualização da temática

A designação “Pop” deriva de “popular”, entendida como aquilo que pertence às culturas de massas e ao consumo cultural amplo. A partir das décadas de 1950-60, especialmente nos países ocidentais, emergiu uma cultura em que música, cinema, televisão, publicidade e outras manifestações artísticas se tornaram simultaneamente meios de expressão e de difusão, valores de consumo, identidade juvenil e estética de massas (Storey, 1993; Hebdige, 1979).

Para alguns autores, a cultura popular “popular culture” só assume uma dimensão moderna quando as indústrias culturais e os meios de comunicação começam a produzir para audiências amplas, transformando o cotidiano em expressão estética, aquilo que certa tradição crítica chama de população-auditório dos produtos culturais (Adorno & Horkheimer, 1944/1990).

O mundo *Pop* é, pois, um mundo do popular convertido em arte e estilo de vida da segunda metade do século XX, com especial auge nessa década esplendorosa dos anos 60. A sociedade de massas criou a sua própria cultura e gerou o seu próprio estilo de vida. Em arte, a *Pop* é a recriação do cotidiano transformado no modelo estético. Na música, as canções difundidas pelos meios de comunicação são temas de dois ou três minutos com letras que falam sobre o cotidiano.

Dentro desse processo de massificação cultural surgem símbolos e estrelas culturais forjadas pelo consumo: Elvis Presley, os Beatles, entre muitos, tornam-se ícones globais, vozes que articulam aspirações, desejos juvenis e transformações culturais profundas (Guralnick, 1994; Turner, 2010). Milhões de adolescentes desejavam ser cantores, atingir fama, identificar-se com ídolos; o Pop veio revolucionar mentalidades num momento de mudanças tecnológicas, demográficas e culturais, correspondendo às expectativas de novidade, identidade e pertencimento (Clark, 1995).

A dimensão educativa do projeto *Bandas Pop em sala de aula*

O projeto *Bandas Pop em sala de aula* do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo constitui um exemplo paradigmático de como a escola pode ser transformada num verdadeiro palco de cidadania ativa, criatividade e coesão comunitária. Assente em práticas musicais de conjunto e em metodologias de aprendizagem colaborativa, o projeto mobiliza centenas de alunos e confirma a ideia de Dewey: “se ensinarmos hoje como ensinávamos ontem, roubamos o amanhã às crianças” (Dewey, 2001, p.167), ou seja, é preciso inovar.

Implementado no ano letivo de 2021-2022, o projeto abrange as turmas de 6º ano do Agrupamento, envolvendo cerca de seis a nove turmas por ano letivo. É operacionalizado numa ótica de desenvolvimento curricular, no espaço físico e temporal da sala de aula de educação musical. Ao longo dos seus quatro anos de existência, participaram nas *Bandas Pop em sala de aula* um total de 600 alunos.

O projeto atinge o seu ponto alto com a produção de um espetáculo final que conta sempre com a participação especial de um músico profissional. Nestes quatro anos, o espetáculo recebeu o cantor Miguel Gameiro, o violoncelista Fernando Arce, o saxofonista André Cabica e o Contrabaixista Herlander Medina, que partilharam o palco com os jovens talentos desta comunidade educativa.

A iniciativa constitui um exemplo paradigmático de como a valorização da música e das artes no currículo escolar pode ser catalisadora de inovação pedagógica, inclusão e transformação social

Assente em práticas musicais de conjunto e em metodologias de aprendizagem colaborativa, o projeto mobiliza cerca de 150 alunos do 6.º ano, em blocos de 90 minutos semanais, explorando tanto o repertório *Pop* como os processos de aprendizagem informais que promovem a partilha, a corresponsabilidade e o desenvolvimento de competências sociais e artísticas.

O sucesso e a rápida expansão desta iniciativa foram possíveis devido ao papel estratégico desempenhado pela direção do Agrupamento cuja visão para a valorização da arte no percurso formativo dos alunos tem sido decisiva. Desde o primeiro ano, a direção não apenas acolheu a proposta do projeto como se envolveu ativamente no seu crescimento, respondendo às necessidades materiais e criando condições estruturais para a sua continuidade. Inicialmente, a escola dispunha apenas de xilofones e alguns instrumentos de percussão. Contudo, após uma primeira reunião, a direção reconheceu o potencial da iniciativa e adquiriu uma bateria, possibilitando a concretização da proposta.

Nos anos seguintes este investimento intensificou-se e foram comprados teclados, guitarras elétricas, amplificadores, bombos tradicionais, timbales e caixas. Este enriquecimento instrumental ampliou significativamente as possibilidades sonoras e expressivas do projeto, reforçando a diversidade cultural e musical explorada pelos alunos.

O envolvimento da direção ultrapassou, no entanto, a mera aquisição de instrumentos. A sua aposta sustentada materializou-se, também, no apoio constante às apresentações públicas, na mediação com o município e com entidades parceiras e na promoção do projeto como uma mais-valia para toda a comunidade educativa. Esta articulação contribuiu não apenas para o reconhecimento externo da iniciativa, mas também para a consolidação de uma cultura escolar que valoriza a arte como eixo estruturante do currículo.

A visão estratégica da direção teve um impacto direto na motivação dos alunos e na sua ligação à escola

Ao favorecer um espaço onde a criatividade, a colaboração e a expressão artística são reconhecidas como dimensões centrais do processo educativo, promove-se o desenvolvimento integral dos estudantes, fortalecendo a autoestima, o sentido de pertença e as competências de comunicação. Este impacto estende-se às famílias que se envolvem ativamente nas apresentações, apoiam ensaios em horários extra e testemunham a evolução artística e pessoal dos seus educandos, frequentemente expressando a emoção de verem os filhos superarem-se em palco.

Assim, o papel da direção revela-se não apenas como suporte administrativo e logístico, mas sobretudo como agente de transformação educativa, capaz de reconhecer na música um instrumento de inclusão, motivação e renovação pedagógica. O projeto *Bandas Pop em sala de aula* demonstra que, quando existe uma liderança estratégica, transformadora e pedagógica, capaz de integrar as artes no centro do currículo e de estabelecer pontes entre a escola e a comunidade, a aprendizagem ganha novas dimensões de relevância social, cultural e humana.

Assim, o papel da direção revela-se não apenas como suporte administrativo e logístico, mas sobretudo como agente de transformação educativa, capaz de reconhecer na música um instrumento de inclusão, motivação e renovação pedagógica. O projeto *Bandas Pop em sala de aula* demonstra que, quando existe uma liderança estratégica, transformadora e pedagógica, capaz de integrar as artes no centro do currículo e de estabelecer pontes entre a escola e a comunidade, a aprendizagem ganha novas dimensões de relevância social, cultural e humana.

Um dos aspetos fulcrais da génese do projeto é o foco no desenvolvimento das competências de execução instrumental e na prática musical de conjunto.

Chegados ao quinto ano de escolaridade, todos os alunos têm a oportunidade de ter um primeiro contacto com os instrumentos musicais e com o repertório da música *Pop* através de

aulas experimentais e de sessões exploratórias. No sexto ano, a atividade pedagógica é intensificada pelo projeto *Banda Pop em sala de aula*: desde a experimentação e escolha de instrumentos musicais à exploração e seleção de repertório, passando pela familiarização com a linguagem técnico-artística e com as ferramentas e processos de produção audiovisual.

A introdução ao instrumento realiza-se em sala de aula, desde o início do ano letivo, através de atividades de prática musical em conjunto, numa ótica de aprender fazendo: desde o primeiro momento, há música na sala de aula. Os instrumentos musicais são variados: acústicos, elétricos, tradicionais portugueses e de outras culturas do mundo, o que não só proporciona oportunidades de diferenciação pedagógica, como se traduz em práticas artística ecléticas e multiculturais, resultando numa fusão de sonoridades que enriquece a experiência artístico-musical dos alunos.

O trabalho de aprendizagem e prática musical é feito com recurso à simplificação de acordes, utilizando técnicas instrumentais elementares. Como suporte à interpretação, é utilizada a linguagem de cifras característica do género *Pop*, em detrimento da notação musical convencional. Esta opção permite simplificar os processos de aprendizagem ao mesmo tempo que facilita o estudo autónomo.

(...) esta abordagem pedagógica admite a personalização dos percursos formativos, permitindo que estes se orientem em função das características próprias de cada um

Ao contrário da aprendizagem generalizada, em que o professor assume a centralidade do processo pedagógico, numa ótica de “um para todos” e que não considera as especificidades e níveis de desempenho de cada aluno, esta abordagem pedagógica admite a personalização dos percursos formativos, permitindo que estes se orientem em função das características próprias de cada um. As atividades contemplam tarefas acessíveis a todos os alunos, tornando-os intervenientes na produção do grupo.

De igual forma é tida em conta a evolução individual de cada aluno, independentemente do seu nível de desenvolvimento técnico-musical: alunos que integram bandas filarmónicas ou que têm oportunidade de aprender música fora da escola são convidados a trazer para a aula os seus instrumentos, podendo assim participar de acordo com o seu nível técnico.

A aprendizagem musical desenvolve-se de forma mais eficaz em contextos nos quais os alunos se apoiam mutuamente e desenvolvem competências coletivas. Por esta razão, os modelos pedagógicos de cariz expositivo, centrados no professor, falham em não promover uma cultura de desempenho criativo. Como defendem Bereiter e Scardamalia (1993, p.11) “[...] em vez de se aceitar este ponto de vista individualista da aprendizagem, devíamos olhar mais atentamente para os ambientes em que o desenvolvimento das competências musicais acontece.”

A interação entre pares e a aprendizagem orientada por estes é uma característica central do trabalho no contexto das bandas de música *Pop* (Green, 2002). Aqui, a transmissão de conhecimento ocorre de forma horizontal: os músicos aprendem observando, imitando, trocando ideias e experimentando em conjunto. Essa aprendizagem é, muitas vezes, não formalizada e não hierárquica, mas altamente eficaz, uma vez que se baseia em objetivos partilhados: tocar uma música, criar um arranjo, preparar um ensaio ou uma apresentação. As bandas de música *Pop* constituem, assim, contextos sociais autênticos, nos quais fazer música e aprender música não se dissociam: aprender surge como consequência natural da prática musical coletiva.

A sala de aula torna-se numa oficina de práticas, com a abordagem pedagógica a procurar inspiração nas dinâmicas informais que predominam nos contextos *Pop*

Os participantes trabalham em pequenos grupos e aprendem por imitação e partilha de ideias, reforçando a criatividade coletiva e o sentido de pertença (Green, 2008; MacDonald & Miell, 2000). A apropriação de conceitos e técnicas e o sentido crítico nascem assim naturalmente, em consequência da participação ativa dos alunos nestes processos de prática focados na aprendizagem informal e na colaboração entre os alunos.

Tendo como referência as práticas e o conceito de aprendizagem colaborativa, são criadas oportunidades para que os alunos com maior desenvolvimento técnico acompanhem os colegas com maiores dificuldades, partilhando os seus saberes. Este processo dinâmico de interações sociais representa um ganho para todos os alunos ao nível dos conhecimentos e das capacidades de interação social. Também as tecnologias e os sistemas de informação e comunicação assumem um papel determinante no trabalho dos alunos.

De acordo com Ramos (2002), o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e a importância das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no plano académico e também nos planos social, cultural, científico e económico, entre outros, fazem do conhecimento tecnológico um dos aspetos relevantes na educação do século XXI. A multimédia surge, nos dias de hoje, como um recurso precioso, dada a multiplicidade de recursos que oferece ao utilizador enquanto ferramenta de pesquisa e de aprendizagem. A internet possibilita o acesso a diversas interpretações dos temas musicais, inspirando as interpretações, criações e recriações dos alunos. Ao mesmo tempo, o espaço cibernético dilata as possibilidades de autoaprendizagem e de trabalho individual e coletivo em níveis diferenciados de desenvolvimento técnico e musical.

Considerando que a força da linguagem audiovisual reside no facto de conseguir superar o que captamos e, em simultâneo, fazer-nos chegar a caminhos que percebemos e encontramos dentro de nós, ao nível da repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas (Moran, 2000), os alunos são incentivados a explorar plataformas como o YouTube, *Cifra Club* ou *ChordU* onde encontram recursos associados à música *Pop*, desde letras de canções, cifras, vídeos com diferentes interpretações e propostas de execução com diversos níveis de dificuldade.

Estes processos promovem a autoaprendizagem musical e a capacidade de autorregulação dos alunos que pesquisam conteúdos, aprendem através de vídeos tutoriais, memorizam e reproduzem frases musicais e participam em comunidades virtuais, tornando-se participantes ativos no seu processo de aprendizagem.

Música, técnica e comunicação como experiência educativa

No projeto *Bandas Pop em sala de aula*, os alunos não exploram apenas instrumentos musicais e práticas de conjunto, mas também têm contacto direto com as tecnologias associadas à produção e realização de espetáculos musicais. Este envolvimento alarga as fronteiras da aprendizagem artística, oferecendo-lhes uma compreensão integrada das múltiplas dimensões que compõem a *performance* musical contemporânea.

Entre os saberes desenvolvidos, destacam-se noções fundamentais sobre o funcionamento da mesa de mistura, dos microfones, dos amplificadores e dos sistemas de som, da tecnologia *midi* e de ferramentas essenciais para a qualidade técnica de qualquer espetáculo. A familiarização com estes recursos confere aos alunos uma perceção prática do papel da tecnologia na mediação da experiência musical, tornando-os mais conscientes das exigências logísticas e técnicas de uma apresentação ao vivo.



Para além da dimensão técnica, os alunos assumem igualmente o papel de apresentadores dos concertos, o que implica uma preparação rigorosa: investigar a história das músicas interpretadas, conhecer os seus autores e intérpretes e organizar a forma de interação com o público. Esta experiência fortalece competências transversais como a comunicação, resolução de problemas, a autoconfiança e a gestão da ansiedade em contextos públicos.

Espetáculo final no
Cineteatro Curvo
Semedo em
Montemor-o-Novo.
Fotografia de Pedro
Zagalo.

Deste modo, o contacto com as tecnologias musicais e com as responsabilidades associadas à produção e apresentação de espetáculos contribuem para uma formação completa, onde se cruzam a dimensão artística, a competência técnica e o desenvolvimento pessoal. A música, neste contexto, deixa de ser apenas uma prática instrumental e converte-se num espaço de aprendizagem multidimensional, capaz de preparar os alunos para desafios criativos, comunicacionais e sociais, dentro e fora da escola.

Da sala de aula ao palco: o espetáculo final

Todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano culmina num espetáculo final, onde cada turma apresenta um tema musical, entre os vários trabalhados ao longo do ano.

A construção e a preparação deste espetáculo emergem de um processo horizontal e partilhado entre alunos e professores, onde cada etapa - desde a escolha da temática à seleção e arranjo do repertório, passando pela produção e execução musical - é fruto de um diálogo pedagógico e criativo, no qual todos os alunos participam. Esta abordagem potencia a autonomia, a entreaajuda e o pensamento crítico. Do ponto de vista artístico-musical, existe o cuidado de integrar cada aluno atribuindo-lhe uma tarefa individual o que contribui para o sucesso do grupo, sem descuidar o resultado estético e a qualidade musical das apresentações.

O espetáculo integra as atividades de outros organismos da escola, como a classe de dança ou de ginástica acrobática do Desporto Escolar ou os clubes escolares, envolvendo docentes, funcionários e também outros parceiros, como os técnicos do Município.

As repercussões no seio da comunidade educativa são múltiplas e profundas, saindo reforçado o carácter integrador e interdisciplinar do projeto. Estas parcerias enriquecem a experiência artística ao conferirem ao espetáculo uma dimensão estética e logística robusta, mas também um sentido de pertença partilhado por todos os intervenientes.

O projeto *Bandas Pop em sala de aula* é, assim, um catalisador de dinâmicas colaborativas, capaz de reconfigurar a relação dentro da escola e entre a escola e o território, promovendo uma aprendizagem significativa, vivida e celebrada em comunidade. O envolvimento direto dos artistas, como foi o caso de Miguel Gameiro, cuja voz e presença inspiram os jovens músicos, e de Fernando Arce, que trouxe ao palco uma sonoridade clássica e cinematográfica única, demonstram a força da arte como ponte entre gerações, linguagens e realidades diversas.

Estes encontros intergeracionais e interdisciplinares proporcionam aos alunos a oportunidade de vivenciar uma experiência artística autêntica e profundamente significativa, através da imersão no universo real da performance profissional. Mais do que um exercício artístico-musical, este projeto configura-se como uma prática educativa transformadora, onde os alunos assumem o papel de co construtores de um espetáculo concebido em moldes profissionais, num processo profundamente colaborativo entre professores, alunos e a comunidade. Ao mesmo tempo, elevam os níveis de exigência, criatividade e motivação, promovendo a colaboração, o respeito mútuo e a aprendizagem pela observação e partilha.

Trata-se de um modelo de aprendizagem que demonstra que, quando a educação se faz com arte, emoção e compromisso coletivo, o impacto ultrapassa largamente o plano académico e toca o tecido cultural e afetivo de toda uma comunidade.

Inclusivamente – A música como linguagem universal de inclusão e desenvolvimento

O *Inclusivamente* funciona como um sub projeto dedicado aos alunos abrangidos pela Educação Especial e integra uma variedade de ateliês em diversas áreas concebidos para promover o desenvolvimento de competências essenciais à autonomia pessoal e à vida futura dos participantes. Ruud (1997, p.14) observa que “a música pode ser um recurso de saúde, contribuindo para o bem-estar, para a construção de identidade e para a participação social.” O objetivo é proporcionar a estes alunos, com necessidades educativas especiais, a possibilidade de participarem em experiências significativas que potenciem o seu crescimento funcional, emocional e social.

A organização pedagógica do projeto baseia-se num princípio de proximidade e de acompanhamento personalizado, garantindo que cada aluno seja visto na sua singularidade

Os grupos são reduzidos, sete alunos cada, o que possibilita o desenvolvimento de sessões semanais de quatro horas, orientadas para uma intervenção diferenciada e atenta. No total,

20 alunos participam no programa, beneficiando de um ambiente estruturado que promove a atenção individual, a qualidade das interações e a construção de percursos de aprendizagem ajustados às necessidades e potencialidades de cada participante. Esta configuração assegura que o processo educativo não se centra nas limitações, mas na valorização das capacidades e talentos de cada criança ou jovem.

No âmbito desta abordagem integradora, o ateliê de musicoterapia parte da forte convicção no poder transformador da música. Com um propósito muito além da vertente artística, este espaço tem-se revelado uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo destas crianças e jovens. A música

transforma-se num espaço de possibilidades e descobertas, onde o foco está nas potencialidades de cada aluno e não nas suas limitações.

Cada sessão de musicoterapia é desenhada a partir das capacidades reais de cada participante, promovendo uma construção ativa de percursos alternativos de expressão e comunicação. A abordagem adotada não procura adaptar o aluno à música convencional, mas antes moldar a música à singularidade de cada criança, respeitando os seus ritmos, formas de comunicar e estilos de aprendizagem.

Neste contexto, os códigos tradicionais são reinventados para garantir acessibilidade: cores, números, formas geométricas e símbolos substituem a notação musical e a linguagem de cifras convencional, permitindo que todos possam ler, interpretar e tocar um instrumento com confiança. Tais convenções são criadas em conjunto com os alunos, democratizando o acesso à prática musical e fomentando a expressão individual e coletiva.

Ao longo do ano letivo, os alunos do *Inclusivamente* levam o resultado do seu trabalho para além da sala de aula, apresentando dois espetáculos abertos ao público no final de cada período letivo. Estes momentos, preparados com rigor e entusiasmo, têm-se tornado experiências memoráveis para todos os envolvidos.

Entre os destaques, contam-se os tributos à banda *Coldplay* e ao músico português Pedro Abrunhosa, um concerto de Natal, em 2023, com o tenor João Mendonça e, em 2024, a criação do teatro musical “A vela de Natal” baseado num conto austríaco que integrou com uma reportagem da RTP1. Cada espetáculo é, em si mesmo, uma celebração da inclusão, da criatividade e da superação pessoal.

Mais do que simples apresentações públicas, estes espetáculos representam o culminar de um processo de descoberta e crescimento. Transportam os alunos da sala de aula para o palco, colocando-os perante novos desafios e dando-lhes a oportunidade de brilhar. São momentos que funcionam como catalisadores de empenho, responsabilidade e espírito de grupo, mas que, sobretudo, reforçam a confiança, a autoestima e a convicção de que todos têm um lugar no palco da vida. A música que o *Inclusivamente* promove, todos os dias, demonstra que a verdadeira harmonia nasce da diversidade.

O projeto *Bandas Pop Em Sala De Aula* constitui um exemplo promissor da relevância de abordagens pedagógicas centradas nos alunos e no ensino da música. A fusão instrumental e as estratégias metodológicas envolvidas reforçam o carácter inovador do projeto e, ao mesmo tempo, valorizam a dimensão estética, social e pedagógica da música em contexto escolar.

A normalização da diferenciação pedagógica, das práticas inspiradas na aprendizagem informal e alicerçadas nos processos de aprendizagem colaborativa revelam-se, neste contexto, um motor para um desenvolvimento musical coeso e sustentável e, ao mesmo tempo, promovem múltiplas competências transversais fundamentais para uma cidadania ativa: autonomia, criatividade, motivação, coesão social e competências musicais.

A integração dos sistemas de informação e comunicação e de propostas de trabalho autónomo como procura de cifras, vídeos e tutoriais, promovem a autoaprendizagem e reforçam o processo autorregulatório, tornando-se ferramentas eficazes para a continuidade do trabalho realizado no espaço da aula.

Mais do que um espaço de prática musical, o ateliê de musicoterapia integrado no projeto *Inclusivamente* é um espaço onde todos têm uma música para tocar e onde se garante que cada um tem a oportunidade de o fazer em plena harmonia consigo próprio e com o grupo

Conclusão

A participação dos alunos em projetos desta natureza permite-lhes trabalhar a autoestima, a comunicação, a interação com os pares, a criatividade e a sensibilidade estética e artística

Neste aspeto, merece especial destaque o facto de os alunos integrados no projeto *Inclusivamente*, pertencentes às turmas do 6.º ano envolvidas, subirem ao palco, partilhando a experiência artística com os seus colegas. A sua participação evidencia o poder inclu-

sivo da música permitindo-lhes superarem-se, alcançarem outros patamares de desenvolvimento artístico e, simultaneamente, fortalecerem competências essenciais como a criatividade, a coragem e a concentração. A conjugação destes fatores contribui para a criação de um ambiente de trabalho positivo, no qual a expressão artística e a cidadania convergem, beneficiando todos os participantes musical e socialmente.

Espetáculo final no
Cineteatro Curvo
Semedo em
Montemor-o-Novo.
Fotografia de Pedro
Zagalo.



Bibliografia

- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1990). *Dialética do Esclarecimento / Dialectic of Enlightenment* (tradução reimpressa de obra original de 1944). Editora Brasiliense.
- Bennett, A. (2000). *Popular Music and Youth Culture: Music, Identity and Place*. Palgrave.
- Bereiter, C., & Scardamalia, M. (1993). *Surpassing Ourselves: An Inquiry into the Nature and Implications of Expertise*. Open Court.
- Bourdieu, P. (1996). *As Regras da Arte*. Presença.
- Clark, T. (1995). *Music, Legends, Icons: Pop Music and Celebrity*. Routledge.
- Dewey, J. (2001). *Democracy and Education*. Pennsylvania State University Press. (Obra original publicada em 1916).
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa*. Livros Horizonte.
- Frith, S. (1983). *Sound Effects: Youth, Leisure, and the Politics of Rock'n'Roll*. Constable.
- Gaunt, H., & Westerlund, H. (2013). *Collaborative Learning in Higher Music Education*. Ashgate.
- Green, L. (2002). *How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education*. Ashgate.
- Green, L. (2006). Popular music education in and for itself, and for 'other' music: Current research in the classroom. *International Journal of Music Education*.
- Green, L. (2017). *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. Ashgate.
- Guralnick, P. (1994). *Last Train to Memphis: The Rise of Elvis Presley*. Little, Brown.
- Hallam, S. (2010). *The power of music: Its impact on the intellectual, social and personal development of children and young people*. *International Journal of Music Education*.
- Hebdige, D. (1979). *Subculture: The Meaning of Style*. Routledge.
- Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (1999). *Learning Together and Alone: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning*. Allyn & Bacon.
- Lipsitz, G. (1990). *Time Passages: Collective Memory and American Popular Culture*. University of Minnesota Press.
- Kokotsaki, D., & Hallam, S. (2007). Higher education music students' perceptions of the benefits of participative music making. *Music Education Research*.
- Moran, J. M. (2000). *A Educação que Desejamos: Novos Desafios e como Chegar Lá*. Papirus.
- Ramos, A. (2002). *Tecnologias de informação e comunicação na sociedade do conhecimento*. Revista de Educação.
- Ruud, E. (1997). *Music and Identity*. Nordic Journal of Music Therapy.
- Vieira Júnior, D., et al. (2020). *Aprendizagem musical colaborativa em grupos informais*. Revista da ABEM.
- Storey, J. (1993). *An Introduction to Cultural Theory and Popular Culture*. Harvester Wheatsheaf.
- Turner, G. (2010). *Understanding Celebrity*. 2.^a edição. Sage.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press.
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Cambridge University Press.
- Westerlund, H. (2006). *Garage rock bands: A future model for developing musical expertise?* *International Journal of Music Education*.

